

EXPERIÊNCIAS DAS MISSIONÁRIAS NORTE-AMERICANAS NA IMPLANTAÇÃO DO PROJETO EDUCACIONAL BATISTA EM BELO HORIZONTE/MINAS GERAIS (1897-1920)

Éder Aguiar Mendes de Oliveira¹

Resumo: Tendo em vista as experiências das missionárias batistas norte-americanas, pretende-se compreender a entrada dessa doutrina religiosa na capital mineira em busca de seu reconhecimento social, cujo processo, então em curso, pode ser observado no estudo da implantação do educandário batista na “Nova Capital”, denominado “Colégio Americano”. O recorte temporal delimita-se a partir do ano da fundação desse educandário batista em 1897 até o ano de 1920, marcado pela compra do terreno no bairro Floresta. Para alcançar tais objetivos, foram analisadas os documentos pelas missionárias Mary Wilcox e Bertha R. Stenger à Junta de Richmond (Virgínia/EUA) e também a literatura produzida pela denominação batista referente à participação da missionária Efigênia Maddox na abertura do "Collegio Baptista Americano Mineiro". Outra parcela das fontes são periódicos digitalizados que se localizam no banco de dados virtual da “International Mission Board”, órgão da Convenção Batista do Sul dos Estados Unidos. Dentre os títulos dos jornais, destacam-se: “Southern Baptist Missionary Journal”, “Home and Foreign Fields” (1916-1937) e “The Foreign Mission Journal” (1877-1916). Tais fontes possibilitam novas perspectivas para analisar as experiências das missionárias batistas em Belo Horizonte nas primeiras décadas do século XX e ao mesmo tempo, permite problematizar a historiografia produzida a respeito da história dos batistas no estado de Minas Gerais.

Palavras-chave: missionária batista; educação confessional; República.

Introdução

Este trabalho é resultado da pesquisa de mestrado em História da Educação (2013), que teve como objetivo a análise do processo de implementação do *Collegio Baptista Americano Mineiro* (CBAM), a partir da atuação dos missionários batistas norte-americanos entre os anos de 1918 a 1929. Pretendeu-se compreender os motivos que levaram os missionários batistas a escolherem Belo Horizonte como espaço privilegiado para a divulgação do seu projeto educacional em Minas Gerais e ao mesmo tempo, buscou-se analisar as relações pela disputa da oferta da educação privada tendo como foco as tensões ocorridas entre o educandário batista e os demais educandários católicos da cidade.

Em levantamento realizado nas revistas especializadas em História e História da Educação, foram encontrados artigos referentes à temática doutrina protestante¹

¹ Mestre em História da Educação pela Universidade Federal de Minas Gerais (FAE/UFMG) e graduado em História pelo Centro Universitário de Belo Horizonte (UNI-BH).

e educação no Brasil. De maneira geral, percebe-se na historiografia a respeito da história educacional protestante uma predominância quase absoluta de trabalhos relacionados às denominações presbiterianas e metodistas. Ou seja, existe certo silêncio com relação à história da denominação batista, principalmente ao referir-se ao espaço geopolítico mineiro.

Com relação a história da inserção e expansão da denominação batista no Brasil e em Minas Gerais, cabe ressaltar que parte dos livros são predominantemente marcados pelo teor narrativo, característica comum aos trabalhos denominacionais elaborados pelos próprios missionários e pastores. Ao mesmo tempo, foram levantados trabalhos acadêmicos referentes ao tema e, dentre eles, torna-se necessário destacar o livro de Oliveira (1999). Isso porque, para compreender as tensões entre os missionários batistas e o clero católico ocorridas na virada do século XIX e durante as três primeiras décadas do século XX, o autor pesquisou e analisou jornais batistas publicados no sul dos Estados Unidos pela Junta de Missão Estrangeira, sendo eles: “Home and Foreign Fields” (1916-1937) e “The Foreign Mission Journal” (1877-1916).

Tais periódicos foram digitalizados pela Junta de Missão Estrangeira e estão disponíveis no banco de dados virtual da “International Mission Board” (IMB),² órgão da Convenção Batista do Sul dos Estados Unidos. Por serem fontes inéditas, esses documentos foram importantes para o desenvolvimento deste trabalho, pois foi possível repensar parte da historiografia da história batista em Belo Horizonte, elaborada basicamente a partir das memórias dos ex-diretores da instituição. Além de possibilitar também a problematização dos discursos utilizados pelos missionários para descrever suas ações no espaço belo-horizontino juntamente a sua entidade financiadora.

Experiências educacionais batista em Belo Horizonte

No campo missionário mineiro, o início da atividade batista esteve vinculado dentro da perspectiva do programa educacional como instrumento de evangelização. Antes mesmo da inauguração de Belo Horizonte, destaca-se as ações de Antônio Fonseca e sua família que fundaram uma escola primária em sua casa na qual funcionava também uma igreja.

Desde o início, o trabalho batista na capital de Minas foi marcado por inúmeras tensões. Nos relatos das cartas dos missionários enviadas para a Junta de Richmond foi denunciado que o pastor batista de Belo Horizonte foi despedido de seu emprego público, sob a acusação de que era protestante. Segundo Souza (2008), neste pequeno educandário eram realizados os cultos, com leitura bíblica e cânticos de hinos, antes da abertura das aulas. Essa instituição não recebeu o nome de batista; e a princípio chamou-se Ensino Primário (1896) e, posteriormente, Colégio

Progresso (1897). O autor afirma que foi a partir da escola que surgiu uma pequena igreja, no dia 1º de janeiro de 1897, a primeira em moldes batistas de Belo Horizonte, denominada de “Igreja de Deus”

Após o insucesso dessa iniciativa, os missionários William Bagby e J. J. Taylor dirigiram-se para Belo Horizonte e fundaram uma nova igreja. No mesmo ano de 1897, mudaram-se para a capital mineira duas jovens americanas, Mary Wilcox e Bertha R. Stenger, ambas de Nova Iorque, que abriram uma escola a princípio no próprio templo da Igreja de Belo Horizonte. Posteriormente, Mary Wilcox fez erigir um pequeno edifício na Avenida Paraná que serviu de moradia e colégio. (SOUZA, 2008, p. 31)

Segundo Rangel (1930, p. 12), as duas missionárias nova-iorquinas estudaram na escola da Filadélfia e decidiram trabalhar no campo brasileiro. Elas chegaram ao Brasil em 1895 onde viveram até meados de 1897 na residência da família Bagby, aprendendo a língua portuguesa. Ressalta-se que a missionária Anna Luther Bagby atuou na direção do Colégio Progresso Brasileiro³ em São Paulo durante o período de 1901-1919. Além disso, em 1907, na reunião para a criação da Convenção Batista Brasileira, ficou estabelecido que William Bagby compusesse a Junta de Educação e Seminário com sede no Rio de Janeiro (*apud* MESQUITA, 1940, p. 24).

A atuação das duas missionárias insere-se na concepção de evangelização dos batistas norte-americanos a partir da prática pedagógica pela via escolar que posteriormente foi discutida e definida no ano de 1908 pela Junta Educacional como programa educacional batista para o país. Em linhas gerais, esse programa foi apresentado no discurso de William Bagby no qual compreendia que

Tais colégios prepararão o caminho para a marcha das igrejas (...) Colégios fundados nestes princípios triunfarão sobre todo o inimigo e conquistarão a boa vontade até dos nossos adversários. Mandi missionários que estabeleçam colégios evangélicos, e o poder irresistível do evangelho irá avante na América do Sul, e a terra do Cruzeiro do Sul brilhará com a luz resplandecente do Reino de Cristo. (MENDONÇA, 2008, p. 95). (Grifo meu)

Parte das narrativas elaboradas por pastores e ex-diretores do Colégio Batista Mineiro a respeito da história dos batistas em Belo Horizonte apontam que essas duas missionárias vieram de forma independente para Belo Horizonte, não fazendo parte da Junta de Richmond. (SILVA, 2002; HARRINGTON, 1968; SOUZA, 2008) Esses livros abordam com mais detalhes as experiências dos missionários no período após 1917, denominado por eles de fase da consolidação das obras dos batistas no estado mineiro, devido à chegada de Otis

Pendleton Maddox e sua esposa Ephigênia Maddox que organizaram a *Escola Baptista de Bello Horizonte* (1918).⁴

Contudo, a matéria intitulada “Our works In Bello Horizonte – Miss Mary B. Wilcox” do jornal *The Foreign Mission Journal* (Vol. XLIX, may, 1899, p. 387-389), possibilita a análise das experiências batistas em Belo Horizonte na primeira década do século XX, assim como a compreensão da visão dos missionários sobre a própria cidade. Ao mesmo tempo, é possível repensar a rede de sociabilidade dessas missionárias que, ao contrário do que foi afirmado pela historiografia, possuíam vínculos com a Junta de Richmond.

Nos primeiros parágrafos, Mary Wilcox relatou as características geográficas do estado de Minas Gerais e o compara com o “Grande Estado do Texas”. A Nova Capital foi apresentada como local importante para a abertura dos trabalhos missionários devido ao seu desenvolvimento, onde prédios são levantados rapidamente e as ruas iluminadas pela luz elétrica. Isso demonstra a importância da cidade, assim como sua posição geográfica estratégica, para a organização, coordenação e expansão do trabalho batista em Minas Gerais, que de fato efetivaram-se na década de 20 após aquisição do lote no bairro Floresta onde funcionou (e funciona) o *Collegio Batista Americano Mineiro*, atual Colégio Batista Mineiro.

Com relação à abertura da escola protestante, Wilcox relata que durante a mudança de local do educandário,

o espaço utilizado como sala de pregação foi mudado, momento em que um padre procurou o proprietário da antiga sala e pediu permissão para entrar com o objetivo de expulsar o diabo estrangeiro. Ele aspergiu ‘água benta’ no quarto para matar os germes do Protestantismo, que poderiam ter permanecido no local. (“Our works In Bello Horizonte – Miss Mary B. Wilcox”. *The Foreign Mission Journal*, Vol. XLIX, may, 1899, p. 387, tradução própria)⁵

Tudo indica que o clero católico buscou de várias maneiras expulsar o “demônio estrangeiro” e eliminar “o germe do Protestantismo” antes que “infectasse” a sociedade em Belo Horizonte. Cabe ressaltar que a perseguição não se limitava aos batistas, sendo estendida aos metodistas, presbiterianos, espíritas e também maçons. Outro relato de conflito religioso refere-se à abordagem do padre católico à “servente negra” que trabalhava para as missionárias. Segundo o relato,

um dia um padre parou a nossa servente negra e perguntou se ela havia sido contratada como servente em nossa casa. Quando ela lhe disse que sim, ele disse a ela que ela não deveria estar ou permanecer por mais tempo, perguntando o que nós pagávamos a ela e dizendo-lhe que ele iria arranjar outro lugar para ela trabalhar. Ele também lhe disse para não prestar atenção nas coisas que nós dizíamos a ela ou na nossa Bíblia, já que a Bíblia Protestante era um livro mau, e que era pecado lê-lo, dando como prova de que nós vendemos a nossa Bíblia por muito pouco dinheiro, e até mesmo a dávamos de graça, e tudo que é bom

vem com um alto preço. Ela perguntou a ele se era pecado ler uma Bíblia católica, e ele disse a ela que não era, mas que a leitura só era permitida ao Papa, aos bispos e sacerdotes. O preço da edição da bíblia católica é tão grande que muito poucos podiam dar ao luxo de comprar uma, assim, você percebe, as pessoas são mantidas na ignorância da palavra de Deus. (Grifo meu) (“Our works In Bello Horizonte – Miss Mary B. Wilcox”. The Foreign Mission Journal, Vol. XLIX, may, 1899, p. 387, tradução própria)⁶

O alerta do padre para a servente não ouvir a mensagem dos batistas e posteriormente, para não ler a Bíblia protestante, possibilita pensar os instrumentos e as práticas usadas pelos batistas para evangelizar seus fiéis. Além de permitir a percepção do público alcançado pelos batistas. Segundo Nascimento (2001, p. 17), de certo modo a igreja protestante procurava minimizar as diferenças de raça, de instrução e de classe social, integrando os menos favorecidos às atividades eclesiais.

Com relação a essa capacidade de leitura do texto sagrado, Rangel (1930, p. 36) destaca que

os baptista têm sempre revelado amor à Palavra de Deus. (...) Ella é a luz inexcedível que aponta em Jesus Christo o caminho, a verdade e a vida. Assim cremos, e por isto fazemos empenho que todo homem se instrua e eduque, para que leia por si mesmo e investigue as verdades eternas da Biblia. Não receamos o estudo inteligente e aprofundado do Livro dos Livros, pois disto só resultará bem para os que de boa mente inquirirem a verdade. (Grifo meu)

O culto protestante possui característica informal, ao contrário do católico essencialmente simbólico e ritualizado no qual a missa era rezada em latim e não havia o incentivo de disseminar a leitura da Bíblia. Sendo assim, o culto protestante requer atenção por parte dos fiéis e também exige uma aquisição de vocabulário para entender o sermão do pastor, cabendo ao fiel a responsabilidade de acompanhar a pregação, exercendo a sua livre interpretação da Bíblia e acompanhando o hinário cristão. Assim, com o intuito de atingir o segmento da sociedade profundamente marcada por analfabetos, os missionários instalaram ao lado de cada igreja uma escola denominada de “paroquial”, alfabetizadora e elementar, utilizando também o material litúrgico – a Bíblia e o livro de hinos – como material pedagógico e instrumentos de conversão (NASCIMENTO, 2001, p. 18).

Em sua ação dirigida às elites, no curto período de funcionamento (1897-1899), a escola inaugurada pelas missionárias passou por momentos de crescimento, mas também por momento de dificuldades, dentre eles a evasão de alunos. Essa instabilidade inquietava as missionárias que *a priori* afirmavam não compreender os seus motivos. Segundo o relato, a causa da saída de alunos ia além das respostas apresentadas pelos pais, perpassando assim, pela esfera religiosa.

Alguns meses atrás, duas garotas brilhantes e atraentes entraram em nossa escola, e depois de permanecer três meses desapareceram de repente. Nós ouvimos dizer que elas tinham ido para a escola dos padres. O pai veio e pagou as mensalidades, disse que estava satisfeito com o progresso das garotas, mas que a outra escola era mais perto, então ele as mudou de escola. Ouvimos dizer de outro aluno, após muito questionamento, que essas meninas tinham sido retiradas da escola porque somos protestantes, e acreditamos que isso seja verdade, porque depois de pouco tempo, ouvimos as crianças e seus pais falando quando eles passaram em frente a nossa casa. Uma criança leu a nossa placa, "Colégio Americano" e imediatamente o pai disse: 'Collegio Demonial!' Outro pai nos disse que estava muito satisfeito com o progresso de seus filhos, mas que se descobrisse que estávamos ensinando qualquer coisa da nossa religião, ele seria obrigado a retirar seus filhos imediatamente. Assim, em muitos aspectos, somos constantemente lembrados de que as pessoas, especialmente da classe mais alta, têm medo de nós por causa de nossa religião. (Grifo meu) ("Our works In Bello Horizonte – Miss Mary B. Wilcox". The Foreign Mission Journal, Vol. XLIX, may, 1899, p. 388, tradução própria)⁷

Tudo indica que era considerável a pressão religiosa católica sobre as famílias em Belo Horizonte, especialmente as mais abastadas. Mesmo com os aparentes "progressos" dos alunos na escola, os pais os retiravam pelo fato de apresentarem uma fé não católica, caracterizada como "Demonial". Percebe-se que o advento da República no Brasil não trouxe completo rompimento com as estruturas do regime imperial. "A mudança da roupa não implicou necessariamente da pele". Ou seja, a determinação legal do Estado garantido a educação laica não retirou do catolicismo sua presença marcante, sobretudo na constituição dos valores morais e construção dos modos de vida na produção do cidadão (PASSOS, 1998, p. 185).

Mesmo nesse contexto, a missionária Wilcox apresentou o projeto de abrir uma "grande" escola autossuficiente. Porém, devido aos entraves apresentados pelo "mundanismo" da sociedade local, o diretor deveria saber lidar com essa particularidade cultural para atrair novos alunos.

Como nossa escola deve manter o nosso próprio apoio financeiro, não temos sido capazes de aceitar muitos alunos de graça. Se pudéssemos fazer isso, acreditamos que poderíamos ter uma grande escola. Mas para ter uma escola autossuficiente, nós pensamos que o diretor teria que ser uma pessoa que ajustaria ao mundanismo dessas pessoas, e exteriormente, pelo menos, favorecer a sua religião. As escolas públicas são, como regra, miseráveis, portanto, os pobres respeitáveis não têm onde educar seus filhos já que até mesmo as escolas católicas são escolas pagas. Isso explica enormemente a grande ignorância do povo. Nós muitas vezes desejamos ser capaz de abrir as nossas portas a essas pessoas que agradeceriam o recebimento de uma educação, mas não podem pagar por isso. (Grifo meu) ("Our works In Bello Horizonte – Miss Mary B. Wilcox". The Foreign Mission Journal, Vol. XLIX, may, 1899, p. 387, tradução própria)⁸

Segundo a compreensão da missionária, as escolas públicas eram miseráveis e as crianças pobres não eram atendidas de forma eficiente. Além disso, as escolas particulares católicas eram acessíveis à pequena parcela da população. De maneira geral, para os batistas essa

seletividade social explicava o motivo do alto grau de ignorância da sociedade belo-horizontina e brasileira, pois para eles, “a democracia não pode florescer entre um povo sem instrução” (CABTREE, 1962, p. 41).

As inúmeras dificuldades vivenciadas pelas missionárias, seja de ordem financeira, religiosa e pessoal,⁹ contribuíram para que no ano de 1899 ocorresse o fechamento do educandário batista na nova capital de Minas. Rangel (1930, p. 9) considera essa experiência educacional das missionárias um importante esforço para a evangelização de Belo Horizonte denominando-a de primeiro colégio batista de Minas Gerais. O autor afirma ainda que esse educandário foi o prenúncio do *Collegio Baptista Americano Mineiro*, fundado em 1920 após a aquisição do terreno no bairro Floresta, em Belo Horizonte.

Após essa iniciativa fracassada de consolidação do educandário batista em Belo Horizonte por parte das missionárias (1897 - 1899), ocorreram outras tentativas para a continuidade do trabalho da denominação na capital. Porém, por diversos motivos os esforços dos obreiros batistas não se efetivaram e foi somente no ano de 1911 que houve efetivamente a abertura do Campo Batista Mineiro. Tudo indica que esse fato trouxe novos ânimos para os trabalhos evangelísticos, principalmente com a designação do missionário Daniel F. Crosland por parte da Junta de Richmond, que escolheu a Capital mineira como sua residência a fim de coordenar as ações proselitistas no estado mineiro.

A Primeira Igreja Batista de Belo Horizonte foi reorganizada, sendo os cultos realizados em um salão alugado na Rua Guarani. Posteriormente foi transferida para a Rua Tupinambás, 527. No ano de 1914, nesse local de reunião religiosa, houve nova reordenação do pastorado assumido por Henrique E. Cockell e, efetivamente, chegou à capital mineira outra família de missionários norte-americanos.

Percebe-se que a segunda década do século XX foi marcada pelo esforço dos batistas para a efetivação de um educandário em Belo Horizonte. Isso porque segundo carta enviada por H. E. Cockell referente à elaboração do livro memorando dos 50 anos da instituição Colégio Batista Mineiro, registra-se,

quando cheguei a Belo Horizonte nos últimos dias de dezembro de 1914, uma das primeiras coisas que mencionei ao missionário D. F. Crossland foi a questão da instrução para os filhos. Escolas públicas eram poucas, que me recorde existiam os grupos Rio Branco, no bairro Funcionários e Barão de Macaúbas, na Floresta. (...) Crosland falou-me da Escola Isabela, na rua do Espírito Santo, onde seus filhos estudavam. Resolvi matricular os nossos, e assim fiz no começo de 1915. Senti a necessidade de uma escola para melhor desenvolvimento dos filhos batistas. Cada vez mais crescia o sentimento de que necessitávamos de uma escola nossa (HARRINGTON, 1968, p. 12). (Grifo meu)

Além da disputa ideológica e cultural entre os protestantes e os católicos, é importante destacar o embate no interior do próprio grupo protestante pela influência religiosa perante os habitantes de Belo Horizonte e ao mesmo tempo, pela busca da ocupação dos espaços públicos na cidade. Não descartando os cuidados ao analisar a fonte memorialista – no caso a carta enviada por Cockell e a sua intencionalidade para rememorar e registrar a sua participação na história do Colégio –, é possível perceber certa compatibilidade de projetos pedagógicos entre os protestantes. Tal afirmativa apoia-se na atitude dos missionários batistas ao matricularem seus filhos no educandário metodista. Ao mesmo tempo, o discurso apresentado explicita a tensão na disputa entre os projetos educacionais protestantes a partir do momento que os mesmos demonstram vontade de propiciar um ambiente agradável aos filhos dos batistas. Espaço esse que seria capaz de reafirmar sua cultura, considerada superior, e evangelizar toda a comunidade discente – entendendo a evangelização como a comunicação de uma notícia nova, capaz de recriar o mundo e os homens. Como aponta o trecho:

Daqui veremos, não em época muito remota, sahir os campeões baptistas, com o sacrificio do proprio sangue si fôrmister, para implantar os principios de liberdade e democracia no Brasil e no mundo.

Como havemos de conseguir isso? De certo não ha de ser deixando os filhos dos baptistas de atrophiarem no ambiente estreito e muitas vezes prejudicial das escolas hoje existentes, umas mantidas pelos partidarios acérrimos do dogma, que mata as nobres aspirações infantis, outras da moral sem Deus, da moral absurda, que não satisfaz a todas as necessidades humanas, incapaz de alcançar o fim collimado. Precisamos de escollas baptistas, mantidas e dirigidas pelos baptistas, onde ao physico como ao moral se proporciona uma instrucção igual, equilibrada, não descurando de um em proveito do outro, porque a boa e verdadeira pedagogia não podia desconhecer a natureza dupla do homem e a íntima, indissolúvel relação existente entre ambas (O Batista Mineiro, jan./1920, p. 3).

Efetivamente, a concretude do terceiro projeto educacional em Belo Horizonte ocorreu em dezembro de 1917 após a chegada da família do missionário norte-americano Maddox.¹⁰ Os livros referentes à história batista em Minas Gerais apresentam como razão principal da vinda dessa família missionária a situação delicada de saúde da filha Kathleen, que sofria de tuberculose. Porém, é possível pensar que a chegada do casal faz parte de um projeto educacional por parte da Junta de Richmond devido ao fato de esse missionário possuir certa influência na entidade. O. P. Maddox participou da elaboração do projeto proselitista batista para o Brasil ao fazer parte da Convenção Batista Brasileira (1908), participando da Junta Educacional que elaborou os planos pedagógicos para o país.

Segundo o relato da referida carta de Cockell, a partir do momento da chegada do casal norte-americano, iniciou-se uma “Campanha Pró Nossa Escola” com o intuito de

levantar a mobília necessária para iniciar as atividades educacionais no salão de culto da Primeira Igreja Batista de Belo Horizonte, sob a responsabilidade da D. Efigenia Maddox.

A tensão religiosa imposta às crianças das famílias não católicas matriculadas nas escolas públicas apresenta-se também como uma das motivações para a fundação do educandário batista. Cabe ressaltar que a instauração do ensino leigo nos grupos escolares não foi sinônimo de respeito às diferenças religiosas. A notícia intitulada “From Rio Field to the Minas Field” escrita pelo Pastor O. P. Maddox no jornal “Home and Foreign Fields” aponta essas tensões na escola pública em Belo Horizonte.

Não temos escolas ainda e vai ficar muito difícil porque, por causa da influência da igreja católica, o governo do estado ordenou que colocassem imagens em todas as escolas públicas. (Home and Foreign Fields, nov. 1918, p. 27, tradução própria.)¹¹

Além desse motivo, o aumento da procura por educação e a falta de espaço na residência dos missionários norte-americanos contribuiu para que no dia 1º de março de 1918 fosse fundada a *Escola Batista em Bello Horizonte* (EBBH), no salão da Primeira Igreja Batista de Belo Horizonte. De acordo com a Ata da reunião, localizada no Centro de Memória do Colégio Batista Mineiro (CMCBM), foram matriculados 13 alunos ao final do culto de inauguração da escola. Dentre eles encontram-se os quatro filhos da família Maddox; além desses, Noemia Cockell, Adolpho Bellohouby, Antonio Freire, Carlota Freire, Luis Prisco Moreira e Adilia Rangel. O documento apresenta ainda, o discurso do Pastor H. E. Cockell que expos ao público os “Deveres e Oportunidades dos Paes para com a Escola”, destacando cinco pontos essenciais: “Zelar pela pontualidade dos alunos; Cuidar do asseio dos mesmos – corpo – roupa – linguagem; Ver que preparam as lições marcadas para casa; Apoio moral á Escola – diretora e professores; Orar constantemente em favor da Escola”.

Tudo indica que, durante os dezessete primeiros anos do século XX em Minas Gerais, a prática educacional dos batistas era exercida predominantemente nas escolas anexas aos templos batistas no interior. Porém, a partir da fundação da EBBH (1918), essa tendência foi rigorosamente alterada por causa da expansão do número de igrejas e de fiéis batistas em solo mineiro. E, para suprir essa demanda, os coordenadores do Campo Mineiro necessitavam estruturar um espaço educativo capaz de preparar os filhos dos batistas para assumirem os cargos nas recém-formadas instituições de sua denominação.

Além do limite evangelístico para a denominação batista, a organização pedagógica e a estrutura arquitetônica da escola anexa esbarraram com a representação do modelo escolar ideal difundido no contexto do regime republicano. Isso porque, de certo modo, as Escolas Anexas às igrejas batistas fazem referências diretas às escolas isoladas que durante esse período

eram representadas na imprensa como espaços educacionais inadequados, e ao mesmo tempo, eram associadas ao atraso escolar.¹² Sob a égide desta representação em negativo, os dirigentes batistas compreenderam que era preciso dar visibilidade ao seu projeto educacional e, sendo assim, era necessário construir e/ou adquirir edifício escolar para que, na monumentalidade do prédio, a escola projetasse e divulgasse o que os batistas pretendiam imprimir àquela educação. Nesse sentido, em dezembro de 1920, um grupo de missionários norte-americanos solicitou à Junta de Richmond, em nome da Junta Estadual da CBM, um empréstimo financeiro no valor de U\$ 25.000,00 (vinte e cinco mil dólares), que foram cambiados em 146.206 contos de réis. Essa quantia foi direcionada para à aquisição de um terreno apropriado no bairro Floresta,¹³ para onde foi transferido o educandário no momento batizado de *Collegio Baptista Americano Mineiro* (CBAM), que passou a funcionar no espaço do palacete Sabino Barroso.

Segundo Rangel (1930, p. 36), esse educandário foi a “chave do problema da educação” no campo mineiro. Isso porque

compete-lhe não só ensinar, mas ainda preparar os futuros docentes da denominação; cabe-lhe superintender e orientar a instrução, guiando as escolas anexas para a realização adequada às nossas necessidades. (...) A sua história é, por assim dizer, a da educação batista em Minas. (Rangel, 1930, p. 36)

Tudo indica que o projeto educacional batista se baseou em um tripé: as escolas anexas das Igrejas Batistas, a escola secundária de Belo Horizonte e as escolas dominicais que, muitas vezes, precediam a própria igreja.

De acordo com o editorial do jornal “Minas Geraes” (21 de dezembro de 1924, p. 13), os missionários F. R. Morgan e Ephygenia Maddox foram os fundadores do CBAM. Essa informação permite problematizar a participação da missionária Ephygenia Maddox no projeto educacional batista em Belo Horizonte.¹⁴ Isso porque a maioria dos livros produzidos a respeito da fundação dessa instituição exalta o missionário Ottis P. Maddox como o responsável por tal ato.

De certa maneira, são escassos os estudos sobre a História da Educação Brasileira que priorizam a participação das mulheres como dirigentes e educadoras nas escolas protestantes. A busca de novas fontes a fim de rever suas vidas e contar sua história significa resgatar o papel feminino frequentemente acobertado ou omitido na história oficial.¹⁵ Como apontam Schuller e Magaldi (2008, p. 55), a história da profissão docente e a trajetória de homens e mulheres no magistério, os processos de formação e as transformações históricas no exercício da docência ainda permanecem como questões a serem mais detidamente investigadas.

Nesse sentido, este texto buscou contribuir com as pesquisas acadêmicas realizadas em História e História da Educação que abordam a temática protestantismo e educação. A análise dos periódicos digitalizados pela Junta de Richmond permitem novas abordagens a respeito da história dos batistas no Brasil e particularmente, em Minas Gerais. Além disso, tais fontes possibilitam problematizar a historiografia produzida a respeito da participação feminina nos projetos proselitistas da denominação batista no campo educacional e também a compreensão do grau de participação e influência das mulheres nas funções eclesiásticas batistas.

Referência bibliográfica

Livro:

CARVALHO, Marta. M. C. de. *A escola e a república e outros ensaios*. Edusp: Bragança Paulista, 2003.

CRABTREE, A. R. *História dos Batistas do Brasil até o ano de 1906*. Rio de Janeiro: Casa Publicadora Batista, 2ª edição, 1962.

FARIA FILHO, Luciano Mendes de. *Dos pardieiros aos palácios: cultura escolar e urbana em Belo Horizonte na Primeira República*. Passo Fundo: UPF, 2000.

HARRINGTON, José Arnaldo. *50 anos: Pequeno Histórico do Colégio Batista Mineiro – 1918-1968*. Convenção Batista Mineira, 1968.

LÉONARD, Émile G. *O Protestantismo Brasileiro: estudo de eclesiologia e história social*. São Paulo: ASTE, 2002.

MACHADO, José Nemésio. *A contribuição batista para a educação brasileira*. Rio de Janeiro: JUERP, 1994.

_____. *Educação batista no Brasil: uma análise complexa*. São Paulo: Cortez, 1999.

MADDOX, Sarah Gill. *A história de Ephigênia Roe Maddox: fundadora do Colégio Batista Mineiro*. 2. ed. Tradução de Rita de Cássia S. S. Miranda. Belo Horizonte: Colégio Batista Mineiro, 2008.

MENDONÇA, Antonio Gouvêa. *O Celeste Porvir. A inserção do protestantismo no Brasil*. 3. ed. São Paulo: EDUSP, 2008.

MESQUIDA, Peri. *Hegemonia norte-americana e educação protestante no Brasil*. Juiz de Fora: UFJF; Piracicaba: UNIMEP, 1994.

MESQUITA, Antônio Neves de. *História dos Batistas do Brasil: 1907 até 1935*. Rio de Janeiro: Casa Publicadora Batista, 1940.

OLIVEIRA, Zaqueu Moreira de. *Perseguidos, mas não desamparados: 90 anos de perseguição religiosa contra os Batistas Brasileiros (1880 – 1970)*. Rio de Janeiro: Juerp, 1999.

PEREIRA, José dos Reis. *História dos Batistas no Brasil (1882-1982)*. Rio de Janeiro: JUERP, 1982.

_____. *Breve história dos Batistas*. Rio de Janeiro: JUERP, 1987.

RANGEL, S. Herval. *História da denominação Batista em Minas Gerais*. Centro de Memória do Colégio Batista Mineiro, 1930.

RIBEIRO, Boanerges. *Protestantismo e cultura brasileira: aspectos culturais da implantação do protestantismo no Brasil*. São Paulo: Casa Editora Presbiteriana, 1981.

SILVA, Armindo de Oliveira. *Uma estrela que brilha na Floresta: memórias de um educador batista*. Belo Horizonte: Sistema Batista Mineiro de Educação, 2002.

SOUZA, Rafael R. R. *Das trilhas de Minas para a Estrada Real: um panorama histórico da Convenção Batista Mineira*. Rio de Janeiro: Ed. Convicção, 2008.

SOUZA, Rosa Fátima. *Templos de civilização: A implantação da Escola Primária Graduada no Estado de São Paulo (1890-1910)*. São Paulo: Ed. da UNESP, 1998. 302p.

Capítulo de livro:

ALMEIDA, Jane Soares de. Nada sei; nunca li letras: as mulheres na educação escolar brasileira. In: ALMEIDA, J. S. de. (Org.). *Estudos sobre a profissão docente*. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2001.

Artigo:

ALMEIDA, Jane Soares de. *O movimento missionário e educacional protestante na segunda metade do século XIX: para cada igreja uma escola*. Revista Educar, Editora UFPR: Curitiba, v. 20, p. 185-207. 2002.

_____. *Missionárias norte-americanas na educação brasileira*. Revista Brasileira de Educação, v. 12 n. 35 maio/ago. 2007.

ASSIS, Áder Alves de. *Educação nos colégios batistas: princípios e fins*. Revista Educador. Rio de Janeiro: JUERP. Ano 1, n. 1, primeiro trimestre, 1992, p. 23-28.

CALVANI, Carlos Eduardo B. *A educação no projeto missionário do protestantismo no Brasil*. PUCPR, v. 1, n.1, Jan/ Jun. 2009.

CORDEIRO, Ana Lúcia Meyer. *Religião e projetos educacionais para a nação: a disputa entre metodistas e católicos na Primeira República brasileira*. Revista Horizonte: Belo Horizonte, v. 4, n. 7, p. 110-124, dez. 2005.

NASCIMENTO, Ester Fraga Vilas-Bôas Carvalho do. *A influência da pedagogia norte-americana na educação em Sergipe e na Bahia*. Revista Brasileira de História da Educação, julho/dezembro 2001, n. 2.

Tese ou dissertação:

ANJOS, Maria de Lourdes Porfírio Ramos Trindade dos. *A presença missionária norte-americana no Educandário Americano Batista*. Dissertação (Mestrado em Educação) Sergipe: Universidade Federal de Sergipe, 2005.

BARBANTI, Maria Lúcia S. Hilsdorf. *Escolas americanas de confissão protestante na província de São Paulo*, um estudo de suas origens. Dissertação (Mestrado em Educação) São Paulo, Universidade de São Paulo, 1977.

CHAMON, Carla Simone. *Maria Guilbermina Loureiro de Andrade: a trajetória profissional de uma educadora (1869/1913)*. Tese (Doutorado em Educação) Belo Horizonte: Universidade Federal de Minas Gerais, 2005.

CORDEIRO, Ana Lúcia Meyer. *Metodismo e educação no Brasil: as tensões com o catolicismo na Primeira República*. (Tese) Juiz de Fora: Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 2008.

OLIVEIRA, Éder A. M. *Um "Bello Horizonte" para o projeto educacional batista: o "Colégio Batista Americano Mineiro" e a disputa pela oferta da educação privada na cidade (1918-1929)*. (Dissertação) Belo Horizonte: Universidade Federal de Minas Gerais, 2013.

PASSOS, Mauro. *A pedagogia catequética e a educação na primeira república do Brasil (1889-1930): seus pressupostos e suas relações*. 1998. 540 f. (Tese) Roma: Faculdade de Ciências da Educação, Universidade Pontifícia Salesiana, 1998.

SANTOS, Hércules Pimenta dos. *Católicos e protestantes: escolas confessionais fundadas por missionários estrangeiros, Belo Horizonte – MG (1900-1950)*. (Dissertação) Belo Horizonte: Universidade Federal de Minas Gerais, 2010.

SCHUELER, Alessandra; MAGALDI, Ana Maria. *Educação escolar na Primeira República: memória, história e perspectivas de pesquisa*. *Tempo*. Revista do Departamento de História da UFF, v. 26, p. 32-55, 2009.

VIEGAS, Maria Ivanice de Andrade. *"A (Re) Produção do Espaço do Bairro Colégio Batista"*. (Monografia) Belo Horizonte: Instituto de Geociências, Universidade Federal de Minas Gerais, 2003.

Artigo na internet:

NASCIMENTO, Ester Fraga Vilas-Bôas Carvalho do. Os apóstolos da educação e o Instituto Ponte Nova. Disponível em: <<http://www.sbhe.org.br/novo/congressos/cbhe3/Documentos/Individ/Eixo3/064.pdf>> Acesso em: 22 de mar. 2012.

¹ A designação “protestante” tem sido aplicada aos cristãos não católicos no Brasil, num sentido histórico, devido às suas raízes na Reforma Protestante do século XVI. Nesse caso, por serem considerados frutos da ação missionária norte-americana, os batistas têm sido comumente classificados no grupo Protestante Históricos de Missão. Para maiores informações, ver: MENDONÇA, 2008, p. 12.

² O Conselho de Missão Internacional fornece acesso aos arquivos e serviços de gerenciamento de registros para os pesquisadores que pretendem estudar a história das missões dos Batistas do Sul. Com relação aos trabalhos missionários no Brasil, o banco de dados contém Anuários da Convenção Batista do Sul dos Estados Unidos entre 1845 a 1979. Porém, as “minutas” ou “proceedings” depois de 1979 estão disponíveis mediante solicitação do arquivista. Ao mesmo tempo, no banco de dados também é possível ter acesso a fontes históricas referentes ao trabalho dos missionários batistas no continente africano. O Centro de Arquivos e Registros localiza-se em Richmond, Virginia. <<http://archives.imb.org/solomon.asp>>

³ Observa-se que nesse contexto tanto a escola de Belo Horizonte como a escola da capital paulista possuíam o título de “Progresso” e por extensão, não se apresentavam como “Batista”. A historiografia explica tal atitude como uma forma de evitar perseguições religiosas. Porém, é possível pensar e problematizar o simbolismo que tal léxico representa para o pensamento republicano, carregada da concepção modernizante, racionalista e positivista.

⁴ O casal Maddox também contribuiu para a instituição da Convenção Batista Mineira (CBM), no salão da Primeira Igreja Batista de Belo Horizonte (PIB-BH), e posteriormente fundaram o jornal Batista Mineiro (1920).

⁵ Original: “the room used as a preaching hall was changed, at which time a priest went to the owner of the former room and asked permission to enter it for the purpose of driving out the foreign devil. He sprinkled the room with ‘holy water’ to kill any germs of Protestantism that might have remained”.

⁶ Original: “One day a priest stooped our black servant girl and asked her if she was not employed in our home. When she told him that she was, he told her that she should not be, and must not remain longer, asking what we paid her and telling her that he would arrange another place for her. He also told her not to listen to anything that we told her, or to our Bible, as the Protestant Bible was a bad book, and that it was a sin to read it, giving as a proof that we sold it for a very little money, and even gave them away, and that everything good came high. She asked him if it was a sin to read a Catholic Bible, and he told her that it was not, but that it was only intended for the Pope, bishops and priests. The price of the only edition they have is so high that very few could afford to buy one, thus, you see, the people are kept in ignorance of the word of God.”

⁷ Original: A few months ago two bright, attractive girls entered our school, and after remaining three months suddenly disappeared. We learned that they had gone to the priests’ school. The father came and settled their account, and that the other school was nearer, so he changed them. We learned from another pupil, after much questioning, that these girls had left because we are Protestants, and we believe this to be truth, because not long afterward we overheard the children and their parents talking as they passed our home. One child read our sign, “Collegio Americano” and immediately the father said, “Collegio Demonial!” Another parent told us that he was very much pleased with the progress of his children, but that if he found we were teaching any of religion, he would be obliged to take them out at once. Thus, in many ways, we are constantly reminded that the people, especially of the better class, are afraid of us on account of our religion.

⁸ Original: “As our school must help toward our support, we have not been able to take many free pupils. Could we do so, we believe we could have a large school. But to have a self-supporting school, we think the director would have to be a person who would pander to the worldliness of these people, and outwardly at least, favor their religion. The public schools are, as a rule, miserable, so that the respectable poor have no place to educate their children, as even the Catholic schools are pay schools. This accounts largely for the great ignorance of the people. We often long to be able to open our doors to such people as would appreciate an education but cannot pay for it.”

⁹ Rangel (1930, p. 10) afirma que Miss Stenger adoeceu de febre tifoide. William Bagby enviou correspondência à Convenção Baptista do Sul dos Estados Unidos intercedendo pelas duas missionárias. Segundo o autor, a Convenção prometeu metade do salário de uma pessoa, mas, mesmo assim, a condição da escola continuava precária havendo a necessidade de fechá-la.

¹⁰ O casal Maddox chegou ao Brasil em junho de 1906 e inicialmente trabalharam como missionários no Estado do Rio de Janeiro. Com efeito, Otis Maddox participou da criação da Convenção Batista Brasileira e do Colégio e do Seminário Batista do Rio de Janeiro. (SOUZA, 2008, p. 39)

¹¹ Original: “We are without schools as yet and are hard put it since through Catholic influence the state government has ordered images put in all public schools”.

¹² A implantação dos Grupos Escolares em contraposição das Escolas Anexas tem sido abordada por pesquisadores que buscam renovar as investigações sobre a escola primária brasileira na perspectiva da história cultural. Cf. FARIA FILHO, 2000; SOUZA, 1998; CARVALHO, 2003, entre outros.

¹³ O terreno possuía quase cinco alqueires, cerca de 220 mil metros quadrados. Em termos de benfeitorias, encontrava-se elegante palacete, além de outras dependências na Rua Pouso Alegre. (SOUZA, 2008, p. 40).

¹⁴ Harrigton (1968, p. 12) afirma que Effie Maddox “era professora nata e mãe de todos – e onde ela se encontrasse, juntamente com alguns meninos, ali surgiria, mesmo que informalmente, uma escola em ação – uma professora com um, dois, ou mais alunos. Assim, na casa de D. Efigenia sempre havia aulas, mesmo no Rio de Janeiro, antes de vir para Belo Horizonte, primeiramente para seus filhos, mas também para outros meninos que queriam fazer parte da instrução. Há menção de oito alunos que faziam parte de aulas informais na sua residência antes da organização do Colégio.”

¹⁵ Para maiores informações a respeito da participação feminina nos educandários protestantes na virada do século XIX até meados dos anos 1930, procurar primeiramente os trabalhos acadêmicos de Almeida (2001 e 2007) e Chamon (2005).